

**REVISITANDO HUSSERL E A CRISE DA FILOSOFIA****REVISITING HUSSERL AND THE CRISIS OF PHILOSOPHY****John Murungi¹****Tradução: Marcos Carvalho Lopes²****RESUMO:**

Este artigo enfoca a crise da filosofia europeia. Argumenta-se que a concepção de Edmund Husserl dessa crise é filosoficamente falha. Na sabedoria convencional no mundo euro-ocidental - sabedoria que Husserl abraça, e que o Euro-Occidente globalizou, afirma-se que a filosofia se originou na Grécia e da Grécia via Europa, se espalhou por todo o mundo. Segundo o autor, não se pode determinar a gênese da filosofia sem uma verdadeira compreensão da natureza da filosofia. Uma vez que tal determinação tenha sido verdadeiramente realizada, o verdadeiro curso da história da filosofia pode ser determinado. O fracasso desse empreendimento, argumenta-se, é parte da crise que aflige a filosofia no Euro-Occidente hoje. Husserl, argumenta-se, exemplifica esse fracasso e, portanto, falha em compreender a natureza da crise que aflige a filosofia euro-ocidental. A filosofia, argumenta-se, surge de vários locais (europeus e não europeus) e sua crise em qualquer local exemplifica a crise da filosofia em todos os locais. Em outras palavras, a crise da filosofia europeia tem ramificações globais. Husserl não consegue compreender a verdade dessa afirmação.

PALAVRAS-CHAVE: Husserl. Crise da filosofia europeia. Filosofia grega. Início da filosofia. Homem Euro-Occidental. África.

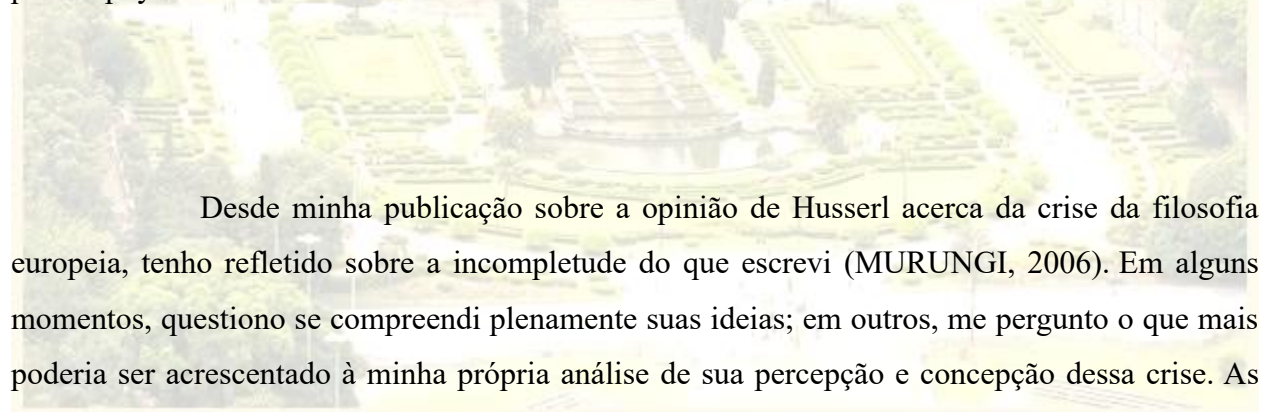
¹ John Murungi é Professor de Filosofia na Towson University (EUA), atuando nas áreas de História da Filosofia, Estética, Filosofia do Direito e Filosofia Africana. É cofundador da International Association for the Study of Environment, Space, and Place. Entre suas obras publicadas destacam-se *African Musical Aesthetics*, *African Philosophical Illuminations*, *Africanizing African Legal Ethics* e *An Introduction to African Legal Philosophy*. Também coeditou os volumes *Symbolic Landscapes*, *Rendezvous with the Sensuous* e *Elemental Sensuous*.

² Tradução de Marcos Carvalho Lopes. O texto de Murungi trabalha com uma perspectiva fenomenológica que se vale da aproximação da oralidade e por isso incorpora repetições que são um desafio para a tradução, já que estas têm uma função na construção do sentido do texto. Tentei preservar essa dimensão procurando manter a fluidez e força do texto em português. E-mail: rogeriodonnini@uol.com.br - Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8418-9215> - Ark:/80372/2596/v16/003

ABSTRACT:

This article focuses on the crisis of European philosophy. It is argued that Edmund Husserl's conception of this crisis is philosophically faulty. In conventional wisdom in the Euro-Western world -wisdom that Husserl embraces, and that the Euro-West has globalized, it is maintained that philosophy originated in Greece and from Greece via Europe, it has spread throughout the world. The genesis of philosophy, it is argued, cannot be ascertained without a true understanding of the nature of philosophy. Once such ascertainment has truthfully been undertaken, the true course of the history of philosophy can be determined. Failure of this undertaking, it is argued, is a part of the crisis that afflicts philosophy in the Euro-West today. Husserl, it is argued, exemplifies this failure, and thereby fails to grasp the nature of the crisis that afflicts Euro-Western philosophy. Philosophy, it is argued, arises from multiple locations (both European and non-European) and its crisis in any location exemplifies the crisis of philosophy in all locations. In other words, the crisis of European philosophy has global ramifications. Husserl fails to grasp the truth of this claim.

KEYWORDS: Husserl. Crisis of European philosophy. Greek philosophy. Beginning of philosophy. Euro-Western Man. Africa.



Desde minha publicação sobre a opinião de Husserl acerca da crise da filosofia europeia, tenho refletido sobre a incompletude do que escrevi (MURUNGI, 2006). Em alguns momentos, questiono se compreendi plenamente suas ideias; em outros, me pergunto o que mais poderia ser acrescentado à minha própria análise de sua percepção e concepção dessa crise. As reflexões seguintes servem como complemento ao que já disse.

Geralmente, na filosofia, há mais a dizer sobre o que já foi dito, o que é dito e sobre o que será dito sobre a filosofia. Um discurso filosófico desafia o fechamento como uma forma de ser o que é. Mesmo em seu início, ele é marcado por uma obscuridade filosófica, pois o modo como a filosofia começa permanece sujeito à investigação filosófica. Assim como o que disse sobre a opinião de Husserl acerca da crise da filosofia europeia exige mais reflexão, da mesma forma, o que digo agora requer mais reflexão. O que Husserl ou qualquer pessoa diz sobre a crise

da filosofia europeia, em qualquer lugar e a qualquer momento, é horizontal e convida aqueles de nós interessados no que é dito a contribuir para sua reflexão criativa contínua.

Na *minha* opinião, a crise da filosofia é, em sua essência, o que ela é: uma crise na natureza da filosofia. Se ela fosse completamente resolvida, seria o fim do filosofar. Embora Husserl concentre sua atenção principalmente na crise europeia da filosofia, no fundo, parece-me que ela diz respeito à filosofia como tal. Isso implica que ela também se refere à filosofia não europeia, apesar daqueles que negam a existência de tal filosofia.³ Além disso, parece-me que Husserl ignorou ou não percebeu a crise da filosofia nesse sentido fundamental (em todos os contextos da filosofia). Ele parece acreditar que o contexto europeu da filosofia era o único genuíno e que a crise da filosofia nesse contexto era a crise primária da filosofia. Supondo que essa era sua crença, é uma crença falsa ou enganosa, pois a Europa não é o único lugar genuíno da filosofia ou o único lugar de sua crise essencial. O lugar essencial da filosofia determina onde está localizada a crise essencial da filosofia. Um lugar da filosofia identificado filosoficamente de forma errada conduz a uma identificação errada da crise fundamental da filosofia.

Para compreender a crise da filosofia que Husserl tem em mente, deve-se prestar atenção ao lugar essencial dessa crise. Não se deve limitar ao seu cenário europeu. Ele está correto ao apontar que a crise da filosofia europeia se manifesta na existência europeia, mais especificamente, na existência do Homem europeu. No entanto, deve-se notar também que a crise vai além do que se manifesta na existência europeia ou no Homem europeu. Aparentemente, a crise que preocupa Husserl não é a crise da filosofia africana, da filosofia asiática ou da filosofia no mundo não europeu. Em sua opinião, fora da Europa e da Grécia, não há filosofia onde a crise da filosofia possa verdadeiramente ocorrer. A seus olhos, a crise da filosofia só pode ocorrer onde a filosofia está: na Europa. Essa crença não é filosoficamente meritória. Ela pressupõe uma compreensão questionável da natureza da filosofia e, conseqüentemente, uma compreensão questionável de sua crise essencial.

Embora Husserl reconheça a existência da filosofia na Grécia, parece que, em seu pensamento, a filosofia grega não é acometida por uma crise essencial. Não lhe ocorreu que a

³ No século XX, por exemplo, havia preocupações sobre a existência da Filosofia Africana e a existência da Filosofia Latino-Americana. Veja HOUNTONDJI, Paulin J. **African philosophy: Myth and reality**. Indiana University Press, 1996. e Gracia J.E., Jorge. **Latin American Philosophy for the Twentieth Century**. Amherst, NY: Prometheus Books, 1986.

filosofia grega pudesse ser um lugar da crise da filosofia — uma crise que poderia ser encontrada em lugares não gregos da filosofia, ou seja, onde quer que a filosofia se manifeste. Além disso, se a crise da filosofia fosse a crise do Homem, então seria uma crise do Homem onde quer que ele se manifeste, e seria encontrada em todos os lugares onde o Homem aparece, e não apenas na Europa, a menos, é claro, que se negue que, fora da Grécia ou da Europa, em nenhum outro lugar o Homem tenha aparecido. Evidentemente, Husserl parece estar certo de que tinha uma compreensão verdadeira e completa não apenas da natureza da filosofia, mas também uma compreensão verdadeira e completa do Homem e de seu lugar original de aparição verdadeira. Sem essas compreensões, ele não identificaria filosoficamente o verdadeiro lugar essencial da crise da filosofia e, assim, a verdadeira crise essencial do Homem. O equívoco que Husserl incorpora o desqualifica como um verdadeiro filósofo e falsifica sua compreensão do Homem e da crise que o acomete.

Do ponto de vista socrático sobre a filosofia, uma perspectiva com a qual concordo, um filósofo é alguém que não apenas reconhece que não é sábio, mas também alguém que busca tornar-se sábio⁴ Além disso, como Sócrates pode ser considerado emblemático do que é a filosofia grega em seu sentido essencial, é questionável se Husserl realmente compreendeu a natureza da filosofia grega. Isso é apontado com certa ironia, pois pode não haver uma base filosófica para acreditar que havia uma visão comumente aceita sobre a natureza da filosofia entre os gregos do tempo de Sócrates. Mesmo no caso de Sócrates, é filosoficamente discutível se ele tinha um senso consistente ou internamente unificado do que é a filosofia. Talvez esteja na natureza da filosofia desafiar tal caracterização.

De fato, é verdade que a crise da filosofia se manifesta localmente. Mas, ao confinar exclusivamente o lugar da filosofia à Grécia ou à Europa, parece-me que Husserl falha em alcançar um conhecimento ou compreensão abrangente do verdadeiro lugar da filosofia, o que o leva a um equívoco fundamental sobre a crise interna à filosofia como tal. O significado da palavra “verdadeiro” na expressão “verdadeiro como tal” não deve dar a falsa impressão de que existe um lugar não localizado da filosofia. Para mim, a filosofia é multilocalizada e se encontra no lugar de toda a comunidade humana — o lugar dos lugares da comunidade humana. Em outras palavras, ela está incorporada e emerge onde quer que essa comunidade esteja localizada. A falha em

⁴Por exemplo, considere o diálogo de Platão **Banquete**, especialmente a troca entre Agatão e Sócrates.

reconhecer esse fato impede Husserl de reconhecer a crise fundamental que aflige a filosofia europeia. Em outras palavras, a incapacidade de compreender a crise da filosofia em seus múltiplos lugares unificados o impede de captar fundamentalmente a crise da filosofia europeia.

Apesar da heterogeneidade dos lugares onde a filosofia se manifesta, ela permanece problematicamente unificada em sua essência. Husserl, de fato, reconhece a universalidade da filosofia. O que é questionável, e talvez equivocado, é sua compreensão dessa universalidade. Ele privilegia o lugar europeu da filosofia e busca universalizar esse privilégio em detrimento de outros lugares onde a filosofia se manifesta. A possibilidade de que a filosofia possa surgir de forma autóctone em locais não europeus não aparece no horizonte de sua concepção do panorama filosófico. Ignorar essa possibilidade ou sua realidade o leva a subestimar a extensão e a profundidade da crise da filosofia na Europa. Compreendida em sua essência, uma crise em um lugar da filosofia chama a atenção para a crise em outros lugares da filosofia. Husserl não consegue captar o sentido unificado correto dos lugares da filosofia e, portanto, falha em compreender plenamente a crise da filosofia europeia, como demonstrada na existência europeia e no Homem europeu.

Conforme compreendo o sentido de filosofia em Husserl, a filosofia envolve tarefas infinitas. Uma dessas tarefas, talvez a principal, é a definição da filosofia — uma definição que, em última instância, implica viver uma vida filosófica, não exclusivamente teórica, mas a vida tal como é realmente vivida. É um empreendimento infinito, e negar essa característica é compreender radicalmente mal sua natureza. Se tiver uma teleologia interna, o infinito é essencial para essa teleologia. Ou seja, seu fim é infinito. Se o senso de filosofia de Husserl for aceito, uma tarefa essencial entre outras tarefas essenciais da filosofia é iluminar sua natureza e sua história. Husserl, e nenhum filósofo em qualquer lugar, tem a palavra final na busca dessa iluminação, se a iluminação for verdadeiramente iluminada.

Em seu trabalho filosófico, Maurice Merleau-Ponty (1969, p.35), corretamente, nos lembra que, para Husserl, um filósofo é um eterno aprendiz.⁵ Na filosofia, nunca se sai de onde

⁵ Murungi se refere ao texto *O que é fenomenologia?* em que Merleau-Ponty explica o significado do exercício de suspensão de juízo e a sua relação com o próprio filosofar. Na página a que Murungi se refere Merleau-Ponty explica: “O filósofo (...) é um eterno principiante — o que significa que ele não toma como garantido nada do que os homens, eruditos ou não, acreditam saber. Significa também que a própria filosofia não deve se tomar como garantida, mesmo que tenha conseguido dizer algo verdadeiro; que ela é uma experiência sempre renovada de fazer seu próprio começo; que consiste inteiramente na descrição desse começo; e, finalmente, que a reflexão radical equivale a uma consciência

se começa. Daí a natureza enigmática do início filosófico e o enigma da história da filosofia. Chamo a atenção para o que é único em um começo filosófico, pois nem todo começo é um começo filosófico. Por exemplo, um início filosófico não deve ser confundido com ou tomado como um início relacionado à ciência.

Coerente com o chamado da filosofia, meu artigo anterior não concluiu de forma absoluta o que pode ser dito sobre o que Husserl afirma acerca da crise da filosofia europeia. A filosofia, parece-me, é o que é por estar inerentemente em um estado contínuo de crise. É uma crise sem resolução final. Pode parecer irracional perseguir um processo infinito cujo fim é inviável. Essa irracionalidade, no entanto, pode ser enganosa, pois pode-se ter negligenciado a natureza enigmática do processo filosófico. Na filosofia, o que parece irracional pode ser razoável. Esquecer essa diferença pode ser parte do que constitui a crise da filosofia. Minha opinião sobre a opinião de Husserl acerca da crise da filosofia europeia é que ele falha em captar a natureza enigmática da filosofia. Ele precisa revisitar e reiniciar seu pensamento sobre o início da filosofia, seu lugar de nascimento e sua história. Ele precisa repensar de forma renovada sua concepção da existência europeia e seu pensamento sobre o Homem europeu, na medida em que ambos estão ligados ou são determinados pela filosofia. Ao contrário do que Husserl parece afirmar, a existência europeia não esgota a existência humana, e o Homem Europeu não é todos os Homens. A concepção europeia da existência humana não é paradigmática da concepção da existência humana. A falha em reconhecer esse fato é sintomática da crise da filosofia europeia, pelo menos, conforme projetada no pensamento husserliano.

Um dos pontos que apresentei no artigo anterior sobre Husserl e a crise da filosofia foi que Husserl estava errado ao afirmar que a Grécia é o berço da filosofia e, portanto, errado ao identificar o início da história da filosofia. O professor Christos Evangelizou levantou a importância de repensar a concepção europeia convencional da gênese da filosofia que lança luz sobre a posição assumida por Husserl.⁶ O erro que Husserl comete não é acidental ou marginal à essência da filosofia ou à sua história. Tem relação direta e essencialmente com a natureza da filosofia. A

de sua própria dependência de uma vida não-reflexiva, que é sua situação inicial, imutável, dada de uma vez por todas.”. [nota do tradutor].

⁶ Veja o livro de Christos Evangelizou, Evangelizou, The Genesis of Philosophy. : **When Greece Met Africa** Sioux City, Iowa, Parnassos Press, 2015

verdade sobre a natureza da filosofia ilumina seu lugar de nascimento, a verdade sobre seu início histórico e a verdade de seu caminho histórico.

É necessário ter uma compreensão verdadeira da natureza da filosofia para mapear seu lugar de nascimento e seu caminho histórico. Somente se Husserl for verdadeiro quanto à natureza da filosofia, ele poderá localizar verdadeiramente seu lugar de nascimento e seu caminho histórico. Além disso, somente se ele possuir essa verdade, ele poderá apresentar verdadeiramente a crise da filosofia europeia. A questão filosófica é se ele verdadeiramente possui essa verdade. A resposta a essa questão emerge verdadeiramente de alguém que possui essa verdade ou que é possuído por ela. Sem tal posse, não se pode dizer se Husserl está certo ou errado. Não se pode desafiar adequadamente a afirmação de Husserl sobre a crise da filosofia europeia sem desafiar a compreensão da verdade sobre a natureza da filosofia. Em parte, se eu possuo essa verdade ou se qualquer outra pessoa a possui, é uma questão para todos aqueles que são guiados pela verdade sobre a natureza da filosofia. Distinguir quem faz parte desse “todos” daqueles que não fazem é uma questão filosófica que parece ser interna à filosofia.

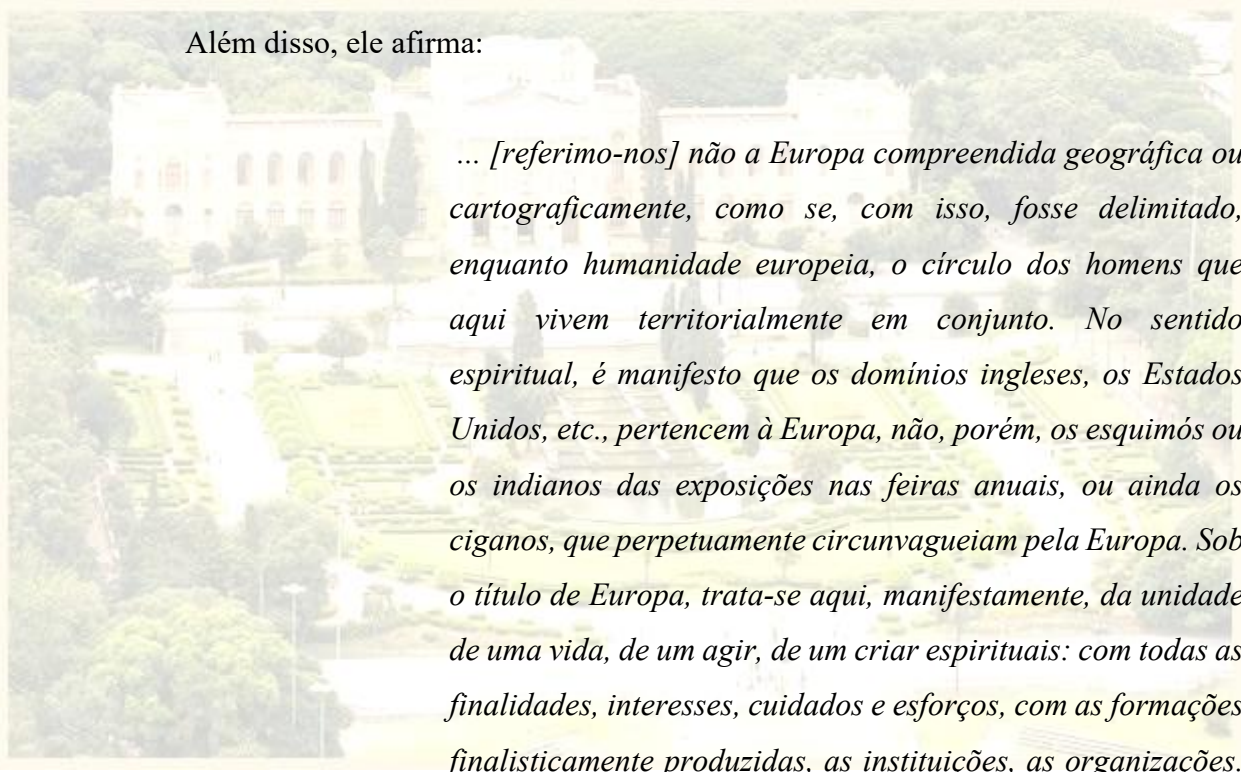
Supondo que Husserl compreenda mal a verdade sobre a crise da filosofia europeia, uma compreensão adequada desse equívoco exige que se reconheça que ele é mais do que um mal-entendido pessoal. É um equívoco profundamente enraizado e amplamente disseminado no pensamento europeu sobre o lugar de nascimento da filosofia e sobre sua história. É um erro incorporado na concepção e compreensão institucionalizada europeia do lugar de nascimento da filosofia e na maneira como os europeus entendem e concebem a natureza e a história da filosofia. Vale enfatizar que o lugar de nascimento da filosofia e sua história não podem ser determinados a menos que a natureza da filosofia seja verdadeiramente determinada. A falha em fazer isso é sintomática da crise da filosofia, conforme entendida por Husserl e por aqueles que compartilham sua posição.

Parece-me que Husserl está correto ao vincular a crise da filosofia europeia à crise da existência europeia e, inevitavelmente, à crise do Homem europeu. Um mal-entendido dessa crise baseia-se em e conduz a um mal-entendido da existência da Europa (a pátria europeia) e, conseqüentemente, a um mal-entendido do Homem europeu. Para Husserl, o Homem europeu é mais do que um Homem determinado pela ciência biofísica, assim como o território geográfico empírico desse Homem não pode determinar o que a Europa verdadeiramente é.

De acordo com Husserl, o homem europeu deriva sua existência e sua identidade do Espírito (*Geist*). Ele diz:

Por mais que as nações europeias possam estar inimizadas, elas têm, porém, um especial parentesco interno, no plano do espírito, que a todas atravessa e que sobreleva as diferenças nacionais. E qualquer coisa como uma irmandade, que nos dá, nestes círculos, a consciência de um solo pátrio. (HUSSERL, 2008, p.18) ⁷

Além disso, ele afirma:



... [referimo-nos] não a Europa compreendida geográfica ou cartograficamente, como se, com isso, fosse delimitado, enquanto humanidade europeia, o círculo dos homens que aqui vivem territorialmente em conjunto. No sentido espiritual, é manifesto que os domínios ingleses, os Estados Unidos, etc., pertencem à Europa, não, porém, os esquimós ou os indianos das exposições nas feiras anuais, ou ainda os ciganos, que perpetuamente circunvagavam pela Europa. Sob o título de Europa, trata-se aqui, manifestamente, da unidade de uma vida, de um agir, de um criar espirituais: com todas as finalidades, interesses, cuidados e esforços, com as formações finalisticamente produzidas, as instituições, as organizações. (HUSSERL, 2008, p.16-17)

Para Husserl, a Europa, a terra habitada pelos europeus e na qual eles adquirem sua identidade, em última análise, não é uma massa de terra física separada de outras massas de terra físicas. Não é um território geofísico. É um território espiritual. Husserl diz:

⁷ No original em inglês, Murungi se vale da tradução de David Car publicada pela Northwestern University Press em 1970. Na tradução, optei por utilizar a versão portuguesa de Pedro M. S. Alves

A Europa espiritual tem um lugar de nascimento. Não quero dizer com isto um lugar de nascimento geográfico num território, se bem que também isso suceda, mas antes um lugar de nascimento espiritual numa nação, ou seja, nos homens individuais e grupos humanos dessa nação. Essa nação é a Grécia Antiga dos séculos VII e VI a.C (HUSSERL, 2008, p.19-20)

A espiritualidade da Europa e, portanto, do Homem europeu deriva da espiritualidade dos gregos antigos. Se esse é o caso, não se deve levantar a questão de por que a Europa não pode ser um lugar de nascimento autóctone da filosofia? Deve a Europa enxertar-se à Grécia para ser filosófica e, assim, ter sua identidade espiritual? Podem os enxertados na filosofia ser autenticamente filosóficos? Pode alguém que é parasiticamente filosófico ser verdadeiramente autenticamente filosófico? Esse parasitismo não deveria ser sintomático da crise da filosofia europeia, sintomático da crise da existência europeia e, portanto, da crise do Homem europeu? Havia um vazio espiritual na Europa antes que ela adotasse a espiritualidade grega? Havia uma filosofia europeia autóctone na Europa antes que ela adotasse a filosofia grega? Havia uma Europa no tempo da Grécia antiga? Se, como afirmado na filosofia europeia, a Europa deve sua identidade filosófica e espiritual aos gregos, evidentemente, não havia uma filosofia europeia autônoma ou uma espiritualidade europeia autônoma antes do surgimento da espiritualidade grega. Se isso for verdade, a Europa estaria melhor se unindo àqueles não europeus que levantaram a questão sobre a existência de sua filosofia autóctone — a questão que africanos, asiáticos e latino-americanos levantaram sobre sua filosofia autônoma autóctone. Alfred North Whitehead parece estar correto quando afirma que “a caracterização mais segura da tradição filosófica europeia é que ela consiste em uma série de notas de rodapé a Platão” (WHITEHEAD, 1979, p.39). Os anotadores europeus da filosofia não devem ser confundidos com ou tomados como filósofos europeus originais. Se há filósofos europeus genuínos, eles devem surgir do solo europeu e não do solo grego. A falha em reconhecer isso é sintomática da crise da filosofia europeia. É uma falha que se aplica a Husserl, a Heidegger e à maior parte dos outros filósofos europeus.

Se, em sua essência, o Homem europeu é um Homem espiritual, então é enganoso pensar sobre a crise da existência europeia ou sobre o Homem europeu em um sentido geobiofísico. Se alguém for tentado a buscar a essência desse Homem nas humanidades ou nas ciências sociais, a tentação deve ser evitada, uma vez que Husserl rejeita o dualismo metafísico cartesiano — o dualismo que separa as humanidades das ciências sociais e naturais empiricamente orientadas. Husserl afirma que,

...foi completamente esquecido que a Ciência da Natureza (tal como toda e qualquer ciência em geral) é um título para realizações espirituais, a saber, as dos cientistas naturais colaborantes; enquanto tal, elas pertencem, tal como todos os eventos espirituais, ao âmbito daquilo que deve ser explicado pelas Ciências do Espírito. Não será, então, um contra-senso e um círculo querer explicar o acontecimento histórico “Ciência da Natureza” científico-naturalmente, explicá-lo por importação para a Ciência da Natureza e suas leis naturais, que, enquanto realização espiritual, pertencem elas próprias ao problema a resolver? (HUSSERL, 2008, p.15-16)

As humanidades, as ciências sociais e as ciências naturais são todas obras do Espírito, e a falha em reconhecer essa verdade é sintomática da crise que enfrenta a existência europeia e que enfrenta o Homem europeu. Segundo Husserl, somente a filosofia como uma ciência rigorosa (como fenomenologia transcendental) pode compreender adequadamente e oferecer um diagnóstico dessa crise, além de propor um remédio possível e eficaz.

De acordo com Husserl, o dualismo cartesiano falha quando tentamos compreender a crise que enfrenta o Homem europeu ou, de fato, a crise do Homem como tal. Descartes foi incapaz de fornecer à filosofia europeia uma ancoragem verdadeira. Independentemente de quão radical tenha sido em seu pensamento, ele não conseguiu estabelecer tal ancoragem. Em sua essência, o homem é mais do que uma coisa pensante separada da coisa extensa. Ele é mais do que um ser mental. Um ser mental não é idêntico a um ser espiritual. Para Husserl, o Homem europeu é essencialmente um Homem espiritual — o Homem do qual o Homem europeu moderno se alienou. Hoje, essa alienação é sintomática da crise que aflige esse Homem. É uma crise carregada

pela filosofia europeia. A separação do mental do físico é sintomática da crise da filosofia europeia, nem que seja porque a ciência física é uma ciência espiritual. Parece que, para Husserl, os homens não europeus não compartilham o Espírito que determina a identidade do Homem europeu. Essa aparência pode atestar a existência do sintoma da crise que aflige o Homem europeu.

Em seu trabalho filosófico, como evidenciado na Conferência de Viena, Husserl se apresenta como um diagnosticador da existência europeia e da crise do Homem europeu. Ele nos informa que as nações europeias estão doentes e que a Europa está doente e em estado de crise. A questão para nós é: o diagnóstico de Husserl nos conduz à verdadeira natureza essencial da crise que aflige a existência europeia/o Homem europeu? Husserl nos lembra que, para uma resposta, não devemos recorrer à ciência natural ou biofísica, pois esse recurso oculta a verdade sobre essa crise e impede sua resolução adequada. Em outras palavras, não devemos recorrer à ciência biofísica porque, em sua essência, a questão não surge de um mundo biofísico. Compreendida adequadamente, a questão surge do mundo espiritual no qual o europeu existe primariamente e exige uma resposta enraizada nesse mundo.

Husserl — o diagnosticador do Homem europeu — precisa passar por um diagnóstico. Sou lembrado da afirmação de Sigmund Freud de que um psicanalista deve ser psicanalisado antes de empreender a prática da psicanálise. Se o psicanalista não passar por psicanálise, ele ou ela provavelmente falhará em compreender o que leva seu paciente a chamar sua atenção. Essa falha provavelmente levará a um diagnóstico errôneo e a uma prescrição errônea. Da mesma forma, se Husserl não passar por um diagnóstico filosófico, ele provavelmente falhará em detectar o que aflige o Homem europeu. Se, como ele afirma, as nações europeias e a Europa estão em estado de crise, como europeu e cidadão de uma nação europeia, ele é afetado por essa crise. Consequentemente, a menos que seja curado dessa aflição, ele provavelmente a espalhará. Em outras palavras, poderia ele ser um europeu doente que não se compreende como tal?

O mundo espiritual que Husserl tem em mente — o *Lebensumwelt* — é um mundo que deveria ser animado, mas atualmente não é animado, pela razão — a razão como primordialmente entendida pelos gregos antigos. Husserl e outros filósofos e historiadores da filosofia europeus proeminentes compartilham o que percebem como a concepção grega da vida da razão — uma vida que a filosofia expressa. Martin Heidegger afirma que,

A palavra philosophía diz-nos que a filosofia é algo que pela primeira vez e antes de tudo vinca a existência do mundo grego. Não só isto – a philosophía determina também a linha mestra de nossa história ocidental-européia. (HEIDEGGER, 1973: p.212).

Ele ainda afirma que,

A frase: a filosofia é grega em sua essência, não diz outra coisa que: o Ocidente e a Europa, e somente eles, são, na marcha mais íntima de sua história, originariamente “filosóficos” (HEIDEGGER, 1973: p. 212).

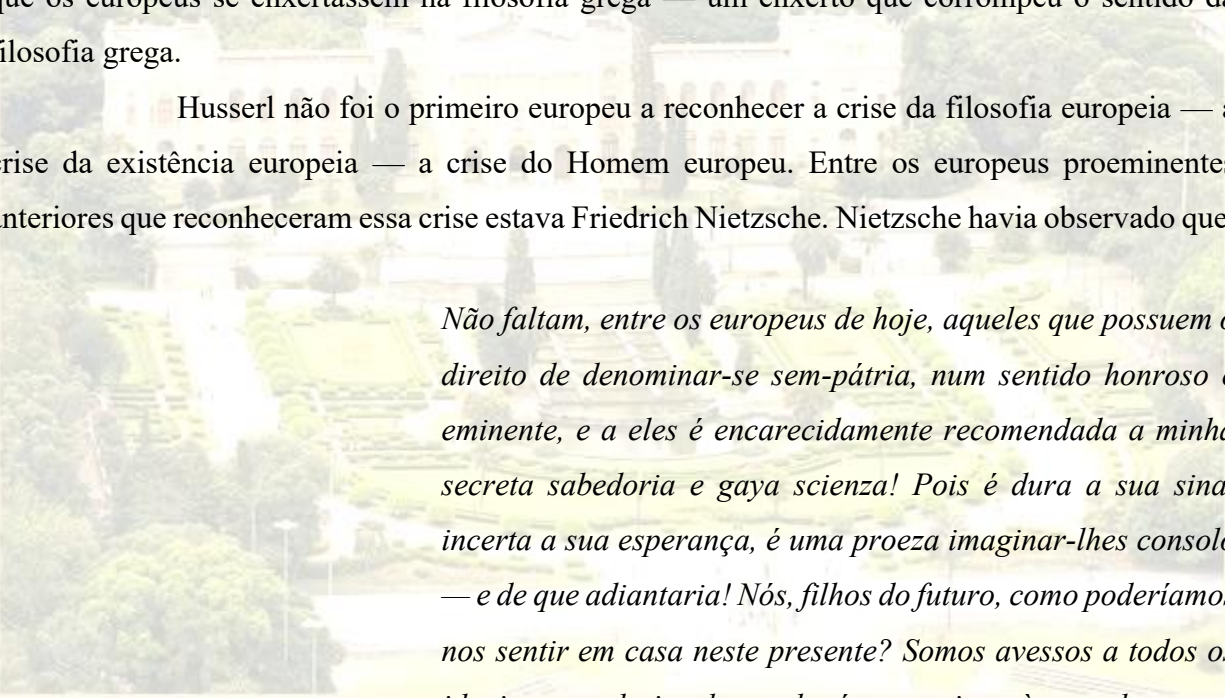
Como primordialmente entendido pelos gregos, a razão, ou a vida guiada por ela, não é a razão como entendida pelos europeus. Não se deve esquecer o fato inegável de que os gregos antigos não eram nem europeus nem ocidentais. Eles eram o que eram: gregos antigos. A concepção grega antiga da razão e de sua vida era uma concepção grega antiga. Ela não deve ser confundida com ou tomada como a concepção europeia da razão e de sua vida.

Apesar do secularismo declarado do Homem europeu moderno, o que se encontra na concepção europeia da razão e de sua vida é mediado pelo cristianismo. Na Grécia antiga, a concepção grega da razão era um fruto da cultura grega pré-cristã antiga. De forma mais geral, a razão deriva seu sentido de ou é um fruto da cultura na qual está inserida. A razão, como entendida na Europa, não é uma exceção. Como concebida na Europa, a razão é um fruto e uma expressão da cultura europeia. É uma concepção da razão que é batizada ou mediada pelo cristianismo. Consequentemente, Heidegger está errado ao acreditar que, como uma encarnação da razão, “a filosofia determina o traço fundamental mais íntimo de nossa história ocidental-europeia” e ao acreditar que o Ocidente e a Europa, e somente eles, são, em seu curso mais íntimo de sua história, originalmente filosóficos. No máximo, o que Heidegger deveria dizer é que a cultura europeia, da qual emerge a filosofia europeia, é parasitária à cultura grega — uma cultura que hoje, na Europa, é mediada pelo cristianismo. À luz do que ele e Husserl dizem, não há uma cultura europeia

autônoma da qual uma filosofia europeia autônoma poderia emergir. Na medida em que os europeus são filósofos, eles o são parasiticamente. Eles são parasitas dos filósofos gregos.

Hoje, vale repetir que o traço fundamental mais íntimo da existência europeia é ininteligível se o cristianismo não for considerado. Além disso, o que Heidegger tem em mente é a concepção europeia da filosofia e não a concepção grega antiga da filosofia. Há uma diferença radical entre as duas concepções da filosofia. Parece-me que tanto Heidegger quanto Husserl falham radicalmente em reconhecer essa diferença. Essa falha está incorporada na concepção de Husserl da crise da filosofia europeia — a crise do Homem europeu. Filósofos e historiadores europeus silenciam sobre o status da filosofia europeia autóctone, se é que havia tal filosofia antes que os europeus se enxertassem na filosofia grega — um enxerto que corrompeu o sentido da filosofia grega.

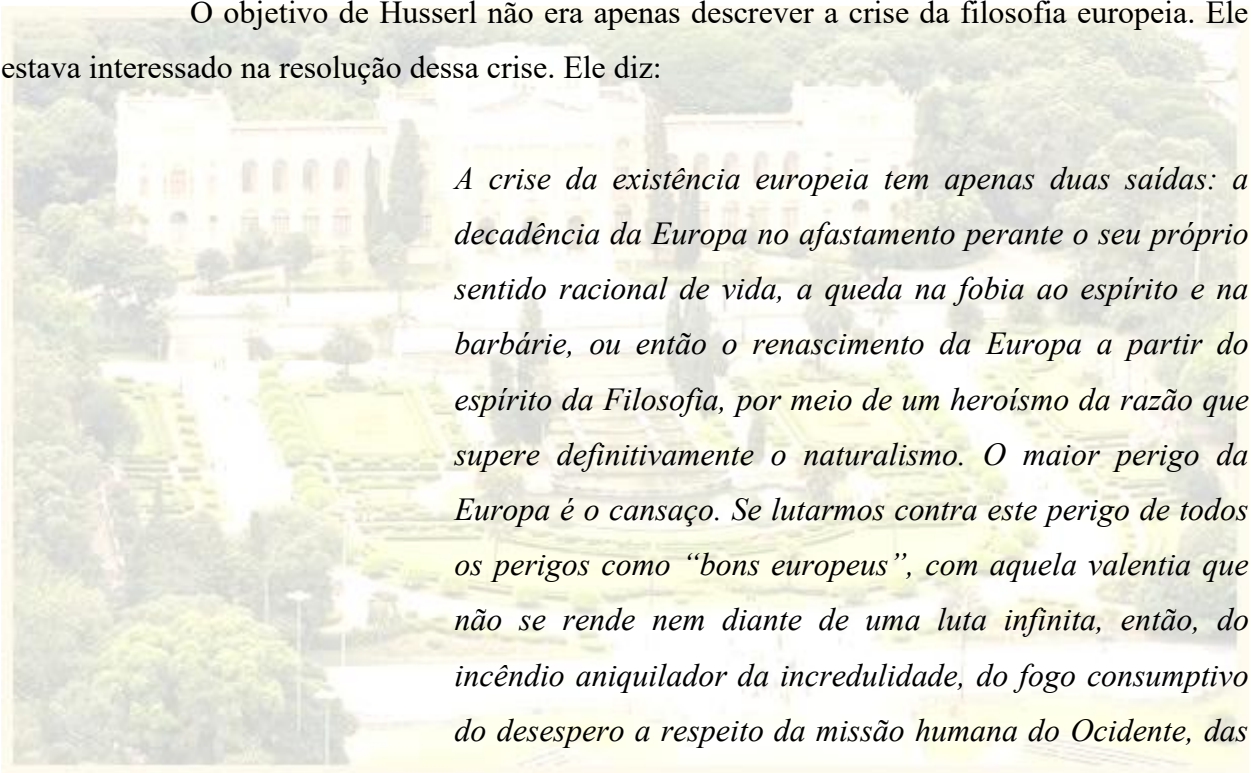
Husserl não foi o primeiro europeu a reconhecer a crise da filosofia europeia — a crise da existência europeia — a crise do Homem europeu. Entre os europeus proeminentes anteriores que reconheceram essa crise estava Friedrich Nietzsche. Nietzsche havia observado que,



Não faltam, entre os europeus de hoje, aqueles que possuem o direito de denominar-se sem-pátria, num sentido honroso e eminente, e a eles é encarecidamente recomendada a minha secreta sabedoria e gaya scienza! Pois é dura a sua sina, incerta a sua esperança, é uma proeza imaginar-lhes consolo — e de que adiantaria! Nós, filhos do futuro, como poderíamos nos sentir em casa neste presente? Somos avessos a todos os ideais que poderiam levar alguém a sentir-se à vontade mesmo neste frágil e fraco tempo de transição; no que toca a suas “realidades”, porém, não acreditamos que tenham duração. O gelo que ainda suporta as pessoas tornou-se muito fino: o vento do degelo sopra, nós mesmos, os sem-pátria, somos algo que rompe o gelo e outras “realidades” demasiado finas... (NIETZSCHE, 2001, p. 280)

Nietzsche reconheceu que o cristianismo foi o principal responsável pela crise que aflige o Homem europeu. Consequentemente, ele convocou a Morte de Deus. Esse chamado, segundo ele, não foi atendido. Nietzsche também foi um diagnosticador da crise da filosofia europeia e, talvez, tenha sido um diagnosticador filosófico mais perspicaz dessa crise do que Husserl. Sua perspicácia, no entanto, não foi explicitamente estendida aos não europeus, que poderiam estar em melhor posição para apreciá-la plenamente. Tendo sido despojados de sua humanidade pelos europeus, os não europeus podem estar em melhor posição para alertar os europeus sobre quão profundamente estão alienados do que deveriam ser.

O objetivo de Husserl não era apenas descrever a crise da filosofia europeia. Ele estava interessado na resolução dessa crise. Ele diz:



A crise da existência europeia tem apenas duas saídas: a decadência da Europa no afastamento perante o seu próprio sentido racional de vida, a queda na fobia ao espírito e na barbárie, ou então o renascimento da Europa a partir do espírito da Filosofia, por meio de um heroísmo da razão que supere definitivamente o naturalismo. O maior perigo da Europa é o cansaço. Se lutarmos contra este perigo de todos os perigos como “bons europeus”, com aquela valentia que não se rende nem diante de uma luta infinita, então, do incêndio aniquilador da incredulidade, do fogo consumptivo do desespero a respeito da missão humana do Ocidente, das cinzas do cansaço enorme, ressuscitará a Fénix de uma nova interioridade de vida e de uma nova espiritualidade, como penhor de um grande e longínquo futuro para o Homem— porque só o espírito é imortal (HUSSERL, 2008, p.51).

A resolução da crise da existência europeia não pode ter sucesso a menos que um diagnóstico preciso dessa crise seja realizado. Parece-me que, nesse aspecto, o diagnóstico de Husserl não cumpre esse pré-requisito. Talvez a razão pela qual ele falha seja porque ele mesmo é

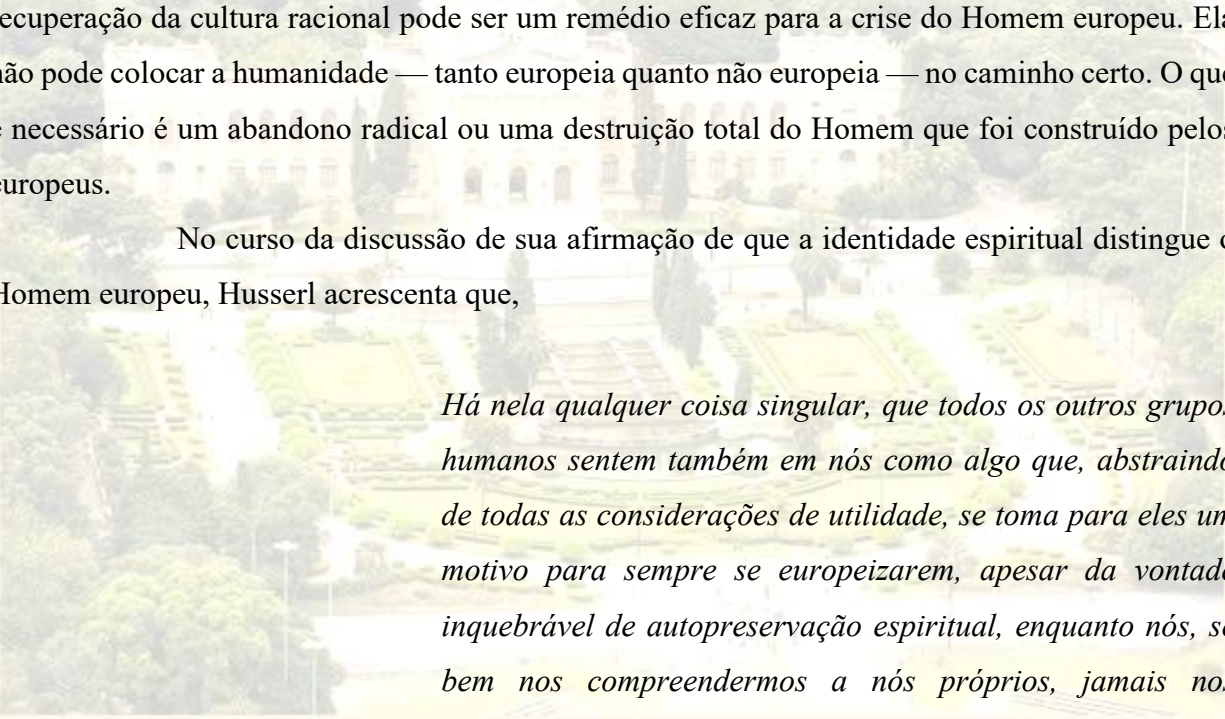
afetado por essa crise e não tem consciência dessa aflição. Embora seja inegável que há diagnosticadores europeus verdadeiros, como Nietzsche, o que pode ser necessário é um diagnosticador não europeu. Ele ou ela pode oferecer uma contribuição substancial ao diagnóstico do que aflige o Homem europeu. Há uma crença predominante, talvez global, de que as pessoas são conhecidas por suas ações e que as ações falam mais alto que as palavras. A identidade e a existência do Homem europeu não estão encerradas no *Lebensumwelt* europeu. O Homem europeu é o que é e se expressa no mundo que compartilha com outros Homens, a menos, é claro, que ele (o Homem europeu) negue que existam outros Homens. Está claro para mim que, ao pensar na filosofia exclusivamente como um fenômeno europeu, Husserl e aqueles que abraçam essa crença advogam essa negação. Os não europeus (aqueles cuja humanidade foi negada pelo Homem europeu) podem estar em melhor posição para atuar como diagnosticadores filosóficos e oferecer uma resolução mais eficaz para a crise que enfrenta o Homem europeu, se é que tal resolução é possível.

A erupção mortal, semelhante ao Vesúvio, do Homem europeu na história humana moderna desencadeou uma época do Euro-Antropoceno na qual o regime desse Homem foi genocida para outros Homens. Esse Homem empreendeu uma cruzada imperial-colonial, aniquilando ou silenciando os homens não europeus. Sustento que esse projeto global está no cerne da crise da existência europeia — no cerne do Homem europeu. O que esse Homem entende como razão foi transformado em arma e foi usado, e ainda é usado, como um míssil para conduzir uma cruzada para exterminar os homens não europeus. É atroz e hediondo, de fato, um crime contra a humanidade, fazer isso em nome da filosofia. O racismo iniciado e perpetrado pelo Homem europeu na história humana moderna é sintomático da doença que aflige esse Homem. Sua vítima pode estar em melhor posição para atuar como diagnosticador filosófico e como terapeuta filosófico. Séculos de surdez incapacitaram o Homem europeu. Ele foi debilitado a ponto de talvez ser inútil tentar restaurar sua capacidade de ouvir. Estamos vivendo no crepúsculo da época do Euro-Antropoceno. Embora finja estar vivo, o Homem europeu está morto. É absurdo ou sem sentido tentar ressuscitá-lo. O fim da crise da Europa implica a extinção do Homem que os europeus geraram. Para o Homem europeu, isso é suicida. Esse Homem não buscará sua própria morte, assim como, para Karl Marx, o Homem burguês não provocará voluntária e conscientemente sua própria queda. O Homem europeu, como a classe burguesa, tem morrido

gradualmente, sem perceber, devido às feridas que infligiu a si mesmo. Os não europeus tiveram um papel histórico a desempenhar no fim do Euro-Antropoceno.

A época do Euro-Antropoceno é tão naturalizada que se coloca como a forma eterna. É difícil entreter seu final. O que não deve ser esquecido é que, independentemente de quanto tempo e quão profundamente esteja enraizada, nenhuma época dura para sempre. O que a morte do Homem europeu implica ainda não foi compreendido por europeus e não europeus. A queda da cultura racional é a queda de uma cultura que, em primeiro lugar, não deveria ter existido. Essa é a cultura do Homem europeu — uma cultura responsável pela crise do Homem europeu e pela crise que esse Homem gerou no mundo não europeu. Husserl está errado ao acreditar que a recuperação da cultura racional pode ser um remédio eficaz para a crise do Homem europeu. Ela não pode colocar a humanidade — tanto europeia quanto não europeia — no caminho certo. O que é necessário é um abandono radical ou uma destruição total do Homem que foi construído pelos europeus.

No curso da discussão de sua afirmação de que a identidade espiritual distingue o Homem europeu, Husserl acrescenta que,



Há nela qualquer coisa singular, que todos os outros grupos humanos sentem também em nós como algo que, abstraindo de todas as considerações de utilidade, se toma para eles um motivo para sempre se europeizarem, apesar da vontade inquebrável de autopreservação espiritual, enquanto nós, se bem nos compreendermos a nós próprios, jamais nos quereremos, por exemplo, indianizar. (HUSSERL, 2008, p.18)

Estritamente falando, isso não é um acréscimo. Está no cerne de ser europeu, ou seja, no cerne do Homem europeu. Há uma crença historicamente definidora⁸ entre os europeus de que eles, e somente eles, são os portadores do que é essencial sobre ser humano, de que eles, e somente eles, podem fornecer uma base histórica verdadeira para o bem-estar humano universal. Não parece haver uma base filosófica verdadeira para essa crença. Ela tem suas raízes na Bíblia

⁸ Traduza a expressão “*historical historic belief*” por crença historicamente definidora.

cristã, ou é mitológica. Nesse sentido, é antifilosófica. Mas, novamente, isso depende de como a filosofia é entendida. Aos olhos do Homem europeu, ela é essencialmente filosófica. Esse Homem, no entanto, é não apenas cego, mas surdo aos olhos e ouvidos dos homens não europeus. Mas esses outros Homens também podem estar sofrendo da cegueira e da surdez infligidas a eles pelo Homem europeu. A europeização da humanidade chegou ao seu fim. Também é mortal ou autoperigosa para os não europeus europeizarem-se.

O conceito europeu de filosofia é tal que impede um diálogo verdadeiramente filosófico entre europeus e não europeus. Os europeus adotaram uma atitude missionária em relação aos não europeus. Para eles, o objetivo histórico é a europeização dos não europeus. O orgulho europeu está tão profundamente enraizado e amplamente disseminado que deixá-lo de lado para que um diálogo filosófico entre europeus e não europeus possa surgir não aparece no horizonte.

A afirmação de que a crise do Homem europeu pode exigir um diagnosticador filosófico não europeu para um diagnóstico verdadeiro e apropriado é existencialmente problemática. A questão é: qual é a qualificação de tal diagnosticador? Que qualificação ele ou ela deve atender para atuar como um diagnosticador filosófico crível e verdadeiro? Pode estar além da imaginação europeia considerar a possibilidade de um diagnóstico filosófico não europeu do Homem europeu, muito menos compreender a crise que o aflige. Como sugerido na observação acima de que estamos no crepúsculo da época do Euro-Antropoceno, é improvável que o Homem europeu aceite prontamente essa observação. O diagnosticador filosófico não europeu não deve ser um produto dessa época, pois ele ou ela provavelmente estará afetado pela natureza parasitária que aflige muitos homens não europeus. Não estamos preparados para um fim catastrófico da época do Euro-Antropoceno. A distinção entre o diagnosticador filosófico europeu e o diagnosticador filosófico não europeu tornou-se tão difusa que a crise que enfrenta a humanidade desafia a resolução. O Homem-Deus ou o Deus-Homem que poderia oferecer uma resolução desapareceu eternamente da história. Além disso, ambos são produtos da fantasia humana.

Do ponto de vista da concepção europeia do Homem, o africano é a antítese máxima desse Homem. Ou seja, o africano é visto e entendido como Pré-Homem, Anti-Homem ou ambos. Essa antropologia é essencialmente sintomática da doença que tem afligido o Homem europeu por séculos — uma doença cujo diagnosticador verdadeiro e apropriado ainda não surgiu plenamente.

Husserl e seus compatriotas europeus falham completamente em compreender isso filosoficamente. Minha aparente hipótese filosófica é que pode ser necessário um filósofo africano para diagnosticar corretamente esse sintoma e sugerir um possível remédio. No entanto, enquanto o africano permanecer parasitário ao Homem europeu, ele ou ela se desqualifica para desempenhar tal papel. Hoje, esse parasitismo está tão profundamente enraizado e amplamente disseminado que o próprio africano precisa de um diagnóstico e remédio filosófico radical para desempenhar tal papel. Infelizmente, minha hipótese provavelmente está sujeita à surdez que, por séculos, tem afligido o Homem europeu em relação ao que o africano diz sobre filosofia. Aqueles que foram submetidos ao silêncio por séculos dificilmente podem esperar ser ouvidos por aqueles que os silenciaram. De qualquer forma, em última instância, para o Homem europeu, tanto o diagnóstico quanto o remédio devem ser realizados por ele mesmo (o Homem europeu). Nenhum outro Homem pode fazer isso por ele. Ele sofre de uma aflição que trouxe sobre si mesmo. A exigência filosófica inescapável é: diagnostique-se e forneça o remédio para si mesmo. Em última instância, realizar qualquer um desses com sucesso depende de. uma compreensão filosófica sempre elusiva de si mesmo

O surgimento do Antropoceno europeu na história da humanidade teve e ainda tem um papel na inibição histórica da possibilidade de um diálogo filosófico genuíno entre povos europeus e não europeus. A crença de que a filosofia e sua história são essencialmente e exclusivamente eurocêtricas está tão enraizada no pensamento dos povos europeus que o reconhecimento de sua natureza problemática continua a ser elusivo. Este ensaio busca aliviar o domínio que essa crença tem sobre nós como uma preparação para a prática de uma filosofia que permita diálogos e conversas filosóficas genuínas entre e com os povos do mundo.

Entre o Homem europeu e o resto dos Homens, o Homem europeu abriu um Vale do Rift geológico que pode levar séculos para ser fechado, se é que o fechamento permanece uma possibilidade. O que Husserl diz é sintomático da contribuição que a filosofia europeia deu para a criação desse Rift — um sintoma que, fundamentalmente, ainda permanece não reconhecido não apenas no mundo da filosofia europeia, mas também no mundo extra-europeu da filosofia que essa filosofia criou. O surgimento de uma nova geografia da filosofia é essencial se houver de ser um fechamento do Vale do Rift existente. O reinado atual da filosofia europeia é um grande obstáculo para o advento desse fechamento. O amanhecer desse fechamento nos chama. O amanhecer não é

o amanhecer de outro Vale do Rift geológico — um Vale do Rift que, de um lado, há uma filosofia europeia e, do outro, uma filosofia anti-europeia: Europa contra o resto de nós. É o amanhecer de uma Humanidade Unificada — o amanhecer de uma nova geografia da filosofia. Bloquear o surgimento dessa geografia é a aflição da qual todos nós sofremos. É nosso chamado histórico geofilosófico remover esse bloqueio.

BIBLIOGRAFIA

EVANGELIOU, Christos. **The Genesis of Philosophy: When Greece Met Africa** Sioux City, Iowa, Parnassos Press, 2015

HEIDEGGER, Que é isto – a filosofia? Tradução de Ernildo Stein. In: Os Pensadores, XLV. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p.205-222)

HUSSERL, Edmund. A crise da humanidade europeia e a filosofia. Tradução de Pedro M. S. Alves. Coleção Textos Clássicos de Filosofia. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

MERLEAU-PONTY, M., **The Essential Writings of Merleau Ponty**. A.L. Fisher (ed.), New York, Harcourt, Brace and World, 1969.

MURUNGI, John. Husserl and the Crisis of Philosophy. In: **Logos of Phenomenology and Phenomenology of the Logos. Book Three: Logos of History-Logos of Life. Historicity, Time, Nature, Communication, Consciousness, Alterity, Culture**. Dordrecht: Springer Netherlands, 2006. p. 439-450.

NIETZSCHE, Friedrich W. **A gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Whitehead, Alfred North. **Process and Reality**. New York: Free Press 1979, p. 39

All Rights Reserved © Polifonia - Revista Internacional da Academia Paulista de Direito

ISSN da versão impressa: 2236-5796

ISSN da versão digital: 2596-111X

academiapaulistaeditorial@gmail.com/diretoria@apd.org.br

www.apd.org.br



This work is licensed under a [Creative Commons License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)